



MÍRIAM LEITÃO

## Imprevisível 99

• Há quem diga que o ano de 99 está perdido. As previsões dos departamentos econômicos dos bancos e das empresas são de recessão. Economistas estrangeiros falaram em recessão profunda. Aqui aparecem números negativos, mas menores. Na verdade é muito difícil prever o que vai acontecer no ano que vem. Não apenas porque a situação está mudando, a economia brasileira, pelos seus méritos e defeitos, tem reações diferentes das outras.

Juros de 40% provocariam recessão profunda em qualquer país do mundo. Como o efeito dos juros se espalha por meses, o país já está contraindo agora a queda dos próximos trimestres. No Brasil, mais pelos seus defeitos, a reação não tem a mesma intensidade. Não existe no Brasil um sistema volumoso de crédito habitacional, como o das hipotecas (mortgage) nos Estados Unidos. Não existe portanto uma indústria da construção civil movimentada basicamente pelo crédito imobiliário. O crédito direto ao consumidor estava apenas sendo montado quando vieram os dois choques de juros inibindo sua expansão.

Nos países onde existe um sistema vigoroso de crédito imobiliário e uma indústria de bens de consumo dependendo basicamente da venda a prazo, uma elevação dos juros tem um efeito imediato de retração de consumo, paralisação da construção civil, recessão e desemprego. A estabilização é muito recente, e tem sido muito tumultuada pelas crises. Não conseguiu ainda deslanchar o crédito pessoal. O brasileiro é menos endividado que outros povos. Claro que a elevação dos juros tem efeito sobre nível de atividade, mas numa proporção menor do que nos países estabilizados. Seu efeito mais perverso é sobre as contas públicas.

O acordo com o FMI desanuviava o ambiente e aumenta a consistência dos cenários mais otimistas, que estão apontando chances de o país conseguir escapar de uma recessão em 99. Podendo até ter um pequeno crescimento.

O país vem mudando muito desde 90, os índices envelhecaram, as pesquisas nas quais eles se baseiam refletem uma estrutura produtiva que não existe mais e não há bons indicadores apontando tendências. Nos Estados Unidos, um dos mais preciosos dados é o índice de encomendas dos gerentes de compra. Por ele se sabe precisamente o nível de produção dos meses seguintes.

A queda da produção do ano passado aconteceu principalmente depois de outubro, quando houve o choque dos juros. Como a indústria automobilística vinha embalada, ela teve uma queda muito forte. Agora, está caindo novamente. Mas é possível que na comparação de 99 contra 98, um ano também já marcado pela crise e pelos juros, a queda não seja tão grande quando se imagina. A base de comparação será baixa. Por tudo isto, a queda pode ser menor do que se imagina.

Há fatos inesperados como o que aconteceu com o frango. As exportações caíram, segundo a Associação dos Exportadores de Frango em 16%. Resultado da crise que reduziu a venda para o mercado japonês em 25% e para o resto da Ásia em 35%. Apesar disto, o setor vai fechar o ano com um crescimento da produção de 5% a 6%. O brasileiro vai subir seu consumo per capita em 98 de 22,7 quilos para 24 quilos. A Abef explica o fato como consequência do preço.

— A carne de frango é muito barata — diz o empresário Cláudio Martins, da Associação dos Exportadores de Frango.